

ENTREVISTA COM JEAN VERRIER, PROFESSOR DE LITERATURA FRANCESA, DA UNIVERSIDADE DE PARIS VIII, VINCENNES-PARIS, 11.6.79. CONCEDIDA À LIGIA CHIAPPINI MORAES LEITE, PROFESSORA DE TEORIA LITERÁRIA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Transcrevo aqui fragmentos de uma conversa que faz parte de uma série de entrevistas que fiz com professores e alunos franceses sobre o ensino da literatura, durante o ano letivo de 78/79. A idéia me foi inspirada por um trabalho semelhante, feito com professores brasileiros, por Maria Tereza Fraga Rocco (a sair brevemente pela Editora Ática). O meu objetivo era comparar a situação do ensino da literatura na França e no Brasil, ou pelo menos a representação desse ensino e seus problemas na voz de algumas pessoas diretamente implicadas nele, tanto em nível universitário, como em nível de 1º e 2º graus.

O confronto pode ser revelador, e especialmente neste momento, em que tanto se discute a reformulação dos cursos de Letras, pelo Brasil inteiro (pelo menos que eu saiba é o caso de Porto Alegre, Fortaleza, Teresina e Belém), pode contribuir ao debate. O exame da situação dos cursos de Letras e mesmo do ensino de língua e literatura no 1º e 2º graus na França mostra sobretudo como certos problemas que costumamos tomar como específicos da nossa condição de subdesenvolvidos são, na realidade, sintomas de uma crise educacional ampla, decorrente dos impasses mais gerais do capitalismo moderno.

Neste conjunto de testemunhos que procurei colher não privilegiei a voz de professores mais conhecidos, mas tentei justamente ouvir aqueles que não temos a oportunidade de frequentar. Mesmo porque o pensamento de um Barthes ou de um Todorov a respeito desse assunto já se

tornou público em inúmeras entrevistas e colóquios que têm sido feitos, a partir de 68 na França, sobre o ensino da literatura.

Esse critério mais aberto na escolha dos entrevistados permitiu conhecer pessoas que tinham trabalhos interessantes nesse campo, como é o caso de Jean Verrier, professor de literatura na Universidade de Paris VIII, Vincennes, responsável por cursos de formação permanente para professores de 1º e 2º graus, e redator-chefe da revista *Le Français Aujourd'hui*, da Associação dos Professores de Francês.

O testemunho de Jean Verrier tem um interesse de ordem bastante geral, na medida em que ilustra, um certo mal-estar, observado também nos demais entrevistados, decorrente da crise da Universidade Francesa atual, e na medida em que analisa a repercussão dessa crise no caso específico de Vincennes, mostrando os impasses de uma Universidade que nasceu em 68, como alternativa à Universidade tradicional e elitista, e que hoje luta desesperadamente para preservar algo do projeto original, já bastante descaracterizado.

Por outro lado, mesmo confessando-se encurralado e bastante perdido em meio aos conflitos de Vincennes, Jean Verrier desenvolve aí todo um trabalho, do qual analisa as vantagens e desvantagens. Faz parte desse trabalho - e daí o interesse mais específico da entrevista para nós da APLL - uma já longa experiência com cursos de formação permanente para professores de 1º e 2º graus, experiência que se insere na própria história das tentativas de reciclagem dos professores franceses, na história pessoal de Jean Verrier e de seu grupo, hoje integrado em parte na Associação de Professores de Francês. Nesse sentido, a entrevista mostra como um pequeno grupo tenta hoje prolongar o modesto trabalho iniciado em 1962, quando buscava penosamente promover reuniões anuais de 80 a 120 profes-

res de toda a França. O que nos conta Jean Verrier dessas reuniões, dos problemas que debatiam e do boletim que editavam precariamente algumas vezes por ano, é muito semelhante à nossa própria História e à deste boletim. Talvez ouvi-lo nos anime a continuar...

Ligia: Na sua opinião, qual é a função da literatura na escola, na sociedade capitalista, hoje? Por que ainda se ensina literatura? Por que se deve ensiná-la?

Jean Verrier: A função da literatura na escola, na sociedade capitalista parece ser (e não estou sendo na original) uma função de reprodução. Sobretudo, talvez, no ensino secundário, onde eu passei um bom tempo como professor, e onde, quando aluno, ainda peguei o sistema de 18 autores... 18 autores em dois anos (19 e 29 colegial). Nesse sistema, ter estudado Montaigne ou ter estudado Montesquieu era simplesmente ter guardado algumas idéias sobre Montaigne ou Montesquieu, para recitá-las no dia do concurso.<sup>1</sup> É mostrar, a propósito de um texto de 20 linhas, que se sabia reencontrar o que nos haviam dito desses autores. Isso não é uma simples caricatura, penso eu. É ainda o que ocorre hoje. A função da literatura na sociedade capitalista, sobretudo na escola, que é o principal aparelho ideológico do Estado, é a reprodução de um consenso ideológico.

Se é assim, por que ensinar literatura, por exemplo, em Vincennes? Penso que a literatura é o lugar de trabalho dos signos. Há uns dez anos atrás, em Céri

---

<sup>1</sup> Serão inúmeras as vezes em que, no decorrer da entrevista ouviremos falar desses concursos. Trata-se basicamente dos dois grandes exames para recrutamento de professores que há na França: o CAPES e a AGREGATION (que traduzimos por "agregação"). O primeiro é mais fácil e o segundo é o que dá melhor status ao professor. Mas ambos, neste momento de desemprego e crise, são estreitos funis por onde não passa nem 10% do pessoal habilitado para o ensino.

sy, Roland Barthes dizia que, se as estruturas de opressão foram bem estudadas no domínio do econômico, elas foram pouco analisadas no domínio dos signos, no domínio ideológico; ora, para mim, quando eu digo que a literatura é o lugar de trabalho dos signos, entendo também trabalho das ideologias.

Portanto, parece-me fundamental manter e desenvolver na escola um ensino da literatura, evidentemente não para transmitir um saber ideológico, mas para exercitar o domínio dos signos. Não tanto para ver como uma sociedade, num determinado momento produziu uma literatura com determinadas características, (o que é, grosso modo, a perspectiva goldmanniana), mas também, e sobretudo, para ver como hoje nossa sociedade lê Racine, lê os textos contemporâneos e lê o jornal. Para ver como se faz esse trabalho sobre os signos. Eu creio que aí há uma função importante.

Ligia: Em que níveis de ensino você trabalhou até aqui? Como você teoriza essa experiência? Como você vê a relação entre o ensino e a pesquisa? Qual foi a sua formação, você fez Letras?

Jean Verrier: Eu estive na escola comunal. Num curso elementar geral que se chamava CEG, que era uma espécie de saída honrosa para aqueles que não podiam ir ao Liceu. Fazia-se aí da 6a. à 3a. série e isso conduzia ao B.E.P.C. Depois, chegando na terceira, meus professores me disseram que eu poderia ser um professor primário, se quisesse, pois tinha condições para isso. E, como meu pai era operário e não podia me proporcionar maiores estudos, ele aceitou e eu também. Eu tinha 14 anos. Entrei, então, na escola normal, que é, com os seminários e as escolas militares, uma das três únicas vias que se oferecem aos jovens franceses, menos favorecidos, ou que se ofereciam no meu tempo (1951) para passar o BAC, exame que,

naquela época, tinha uma importância bem maior que hoje. Então entrei no 1º colegial, como professor primário. Passei aí 3 anos para fazer o BAC e, para isso, como todo o mundo, assinei um compromisso de 10 anos de serviço ao ensino elementar, para pagar os estudos que me haviam oferecido. Pagavam-nos também o transporte, a roupa, enfim, era uma coisa muito interessante. Mais ou menos como os seminários do século XIX. No fundo, a pedagogia me agradava. Éramos uma turma de Filosofia e não havia mais de 3 (em 27) que quisessem realmente ser professores. Todos os outros queriam ser outra coisa, mas eles tinham mais ou menos a mesma origem social que eu. E era o único meio que havia para estudar.

Depois preparei o concurso de entrada para a Escola Normal Superior. Durante 3 anos, no liceu Henri IV. Fiz 4 anos na Escola Normal de St.Cloud. Não pude entrar para a escola Normal da Rue d'ULM porque, no liceu que eu tinha feito, não havia latim e grego. Portanto eu não poderia fazer os estudos clássicos. A Escola Normal de St. Cloud é a primeira escola que introduziu uma agregação em Letras Modernas. Dela partiu a idéia de que se poderia fazer francês sem fazer latim e grego. Era uma idéia já muito revolucionária essa. E não é por acaso que o recrutamento da Escola Normal Superior de St. Cloud era muito mais popular que o da Rua D'Ulm. Nós éramos considerados como os modernos e, aliás, por muito tempo ainda, até 5 ou 6 anos atrás, eu ouvia dizer que o professor de letras era o professor de letras clássicas, aquele que fez latim e grego. Perguntavam-nos: você é professor de Letras? de Letras Puras? O que dava a entender que as outras eram Letras impuras.

E, embora tenha havido uma luta para que pudesse haver uma "agregação" de letras modernas, com uma segunda língua, com a gramática, etc..., isso não impedia que a gente tivesse uma prova de latim. Tive a sorte de pegar 3 anos de transição em que não precisei do latim, mas

os que vieram depois de mim e que tiveram de fazer latim, frequentemente fracassaram na "agregação", porque tinham feito o mesmo caminho escolar que eu, sem nunca ter tido latim, e tiveram que competir com aqueles que, tendo sido eliminados na Rua d'Ulm, se achavam, entretanto, em melhores condições, porque tinham feito latim desde o berço.

Depois da agregação passei (de 62 a 70) em alguns liceus em Rouen e dois anos numa escola militar (o que me dispensou de fazer o serviço militar propriamente dito). Depois vim para Courbevoir, na periferia de Paris, durante 5 anos. Nos dois últimos anos de liceu de Courbevoir, onde eu vivi 68, era também encarregado de cursos em Nanterre. Foi então que criamos um grupo de antigos estudantes de Letras, que se chamava "Ensino 70". Eramos todos estudantes de Letras que tínhamos vivido a guerra da Argélia, o que nos ajudou a ligar a política e o trabalho intelectual. E esse grupo viveu de 62 a 70-74. Em 74, resolveram parar, porque começamos como um pequeno grupo e não queríamos nos tornar algo de importante. Mas isso ajudou bastante, porque trabalhávamos em equipe. E fazíamos, uma vez por ano, reuniões nacionais de 80 professores, do maternal à Universidade. Quando eu passei para Vincennes, em 70, e depois, quando o grupo "Ensino 70" se acabou como grupo, em 74, alguns de nós que gostávamos da parte literária (o grupo era interdisciplinar), começamos a fazer parte da Associação de Professores de Francês, criada em 1967.

Quando me perguntaram se gostaria de me ocupar da revista da Associação, eu respondi que não sozinho, com a condição que a equipe dos 4 professores do "Ensino 70" viesse comigo. Era um prolongamento de nosso trabalho.

Foi assim também que eu fui recrutado para isso, pois vieram me perguntar se gostaria de representar o grupo de jovens professores da época, junto à Associação.

O grupo "Ensino 70" chamava-se assim porque nós começamos em 62 e nos demos 8 anos de prazo para ver os resultados mais amplos do nosso trabalho. Tínhamos uma sede aqui na Notre Dame des Champs, nº 74, e a reunião anual, agrupando 80 professores, era feita em Moulin. Fazíamos também uma revista, dez números por ano. Elas andam por aí, nos arquivos. E houve um número sobre poesia, romance e o papel do literata em geral, que eu retomei depois em Vincennes, quanto a alguns aspectos.

Fui parar em Vincennes, aliás, porque pessoas como Genette e Todorov, tendo sabido da existência do grupo que divulgava a teoria da literatura por eles produzida, nos procuraram em 1969 para o Colóquio que houve em Cérisy sobre o ensino da Literatura. Em Vincennes, procurava-se uma nova equipe. Fui para lá também como uma espécie de especialista em pedagogia, o que era ao mesmo tempo um motivo de orgulho e, por outro lado, algo um tanto falso. Um indício de que alguns colegas pensavam resolver assim o problema da pedagogia, dizendo com os seus botões: "agora temos um especialista de pedagogia, portanto eu posso continuar a fazer o que sempre fiz". E isso continua até hoje mais ou menos assim. E, quando, aliás, alguns dos meus colegas quiseram que eu participasse da fabricação de manuais, ou de editoras do ramo escolar, eu disse que isso não me interessa. Digo sem vaidade, porque isso não é absolutamente o espírito do "Ensino 70" - pôr-se a fabricar manuais. Mas esses colegas pensavam que eu deveria ter cumprido esse papel, de especialista da pedagogia.

Bom, tudo isso a propósito da segunda parte da sua questão, Mas penso que respondi também a primeira.

A sequência da questão é como eu teorizo essa prática de professor, e a relação dessa prática com a de pesquisador. Então, o que já disse esclarece o que me resta dizer: é que a partir sobretudo do sindicalismo estudantil, ao menos, eu vivi no momento da guerra da Argélia,

num grupo que se chamava Associação de Preparação Literária e Artística, porque todos os que se preparavam nas grandes escolas de Letras se reencontravam numa associação que dependia da União Nacional de Estudantes da França. Nesse momento houve brigas, disputas físicas e questionamentos, isto é, a dimensão política da nossa formação de jovens intelectuais e de futuros professores foi muito acentuada, por causa da guerra na Algéria. E isso se prolongou na idéia do "Ensino 70", formado por jovens professores. Parecia-nos que fazíamos um pouco o papel da reserva. Imersos na guerra da Algéria, a gente se chocava de repente com a descoberta de um mundo muito fossilizado, onde nada se passava, onde a instituição era paralisante, e daí nasceu a nossa preocupação em movimentar um pouco as coisas. Ao mesmo tempo, a nossa falta relativa de ambição, por que nós nos dizíamos que não podíamos fazer o combate de David contra Goliath e que era preciso, sobretudo, sobreviver. Quer dizer, as condições de trabalho eram de tal modo adversas, o modo de viver a profissão era tão parado e sem vida que trabalhar em equipe nos pareceu uma necessidade.

Portanto, a prática de professor e a nossa experiência de grupo, o fato que pessoas como Genette, Todorov ou Barthes nos tenham solicitado e tenham se interessado pelo que nós fazíamos em literatura, a partir da nossa prática, o fato de Todorov ter dito nas conclusões ao Colóquio de Cérisy que eram os professores, os práticos do ensino, que faziam a melhor teoria, tudo isso nos deixou muito contentes e orgulhosos. Isso que Todorov disse deve ser em parte verdadeiro, em parte falso, mas é verdade que eu, por exemplo, aprendi muito com a prática.

Ligia: Como Genette e os outros conheceram o seu grupo?  
Pelas publicações?

Jean Verrier: Eles nos conheceram porque nós fazíamos pequenas experiências e tentávamos nos re

ciclar sozinhos. Por exemplo, tínhamos reuniões à noite, em 5, 6, até em 10 pessoas. E, aí, começamos a ler Barthes, por exemplo Comunicações nº 8, que nos parecia, aliás, extremamente difícil. Depois, lemos Genette e, depois, em setembro, quando fazíamos os nossos 4 dias de reunião nacional, onde tínhamos um dia reservado para literatura, a gente convidava os autores dos livros estudados por nós. Por exemplo, num ano foi, justamente, Genette. A gente lhe disse: "Nós lemos o seu texto e procuramos transformar o nosso ensino com a sua ajuda; buscamos inspiração para a transformação que queremos em seus livros, entre outros, por isso gostaríamos que viesse falar conosco." Aliás, o contato com Genette foi curioso, porque ele disse: "Isso me espanta, pois o que eu faço não tem nada a ver com a pedagogia; acho meio extravagante que vocês façam isso em classe." Esse aspecto nos foi mesmo salutar, porque ele não tentou nos anexar, e nós ficamos muito independentes dele, e ele de nós. A amizade começou justamente a partir disso.

Era sempre a partir dos textos teóricos que nós procurávamos achar explicações para alguns problemas. Mas acho importante dizer que era sobretudo também a partir das situações provocadas em aula que íamos buscar o suporte teórico, e nunca ao contrário.

E tudo isso facilitava o nosso movimento. Às vezes se diz que a gente conseguia porque éramos um grupo excepcional. Não é verdade; acho que qualquer professor pode fazer isso, desde que ele trabalhe em equipe e que tenha um projeto pedagógico que esteja ligado a um projeto político, um projeto de sociedade. Isso me parece que foi nossa história. Não é uma história de professores brilhantes. A História, uma vez mais, fez nascer a necessidade e certamente a obrigação de trabalhar em equipe; e também a coincidência que fez com que o projeto pedagógico nascesse vinculado a um projeto político. Isso, aliás, fez com que alguns de nós nos tornássemos responsáveis nacionais por

partidos políticos, por exemplo.

Ligia: Esse grupo, e sua evolução, me lembra um pouco o que hoje fazem certos grupos do movimento Freinet, que se organizam no que eles chamam de "Universidade Aberta", para se reciclarem sozinhos...

Jean Verrier: Certamente, Nós tivemos, no próprio grupo, um amigo que se chamava André Faillait, que era um pouco o especialista Freinet entre nós. Ele trabalhava na escola primária com as técnicas Freinet e nos trouxe muitos elementos. Mas o movimento Freinet é sobretudo um movimento do primário. E ele tem uma autonomia tal e uma história tal que é sempre difícil fazê-lo germinar no secundário, mas temos muito contato, mesmo agora, na Associação dos Professores de Francês.

Ligia: Voltando um pouco atrás, como vocês faziam para organizar o encontro de 80 professores no tempo do "Ensino 70"?

Jean Verrier: Bom, a gente enviava avisos, escrevia nos envelopes (não era fácil, foi toda uma luta para fazer isso com pouca gente)... Já em 67, 68, as reuniões anuais eram de 120 pessoas. Era já o limite da catástrofe, porque éramos incapazes..., havia só 4 pessoas que faziam a máquina funcionar. Era impossível para 4 fazer tudo. Não havia a menor subvenção. Nem a menor dispensa do trabalho normal. Tínhamos uns 1.000 assinantes da revista, mais ou menos. E a coisa funcionava assim. E, depois, era preciso sobretudo saber medir nossa ambição, para evitar "quebrar a cara", pois não podíamos fazer mais do que isso. Isso me agradava, mas no final de um certo tempo acontecia o que acontece em alguns congressos da AFEF; os colegas mais jovens vinham buscar receitas e, a cada ano, nos obrigavam a dizer de novo o que havíamos dito desde que começamos. Quando vimos que isso continuava

assim, achamos que estava na hora de parar, porque não éramos mais "jovens professores". Quando os jovens colegas (dos 4 primeiros anos) faziam perguntas, eram as nossas próprias perguntas. Mas quando se trata somente das questões dos outros, bom... a gente pode responder, mas no fim de um certo tempo não se pode mais responder e a gente começa a reconhecer que envelhece. Aí a gente pára. Isso é tudo. E muda. A ironia é que, nesse momento, em que resolvemos parar, nos ofereceram a ajuda financeira que jamais tínhamos conseguido. Mas aí não havia mais condições de continuar.

Quanto às relações possíveis entre a prática docente e a de pesquisador, eu repito sempre que faço questão (talvez até de maneira um tanto idealista) de conservar o elo entre a pesquisa e a prática de professor. Neste momento, minha prática se dá a nível de Universidade que é também o lugar da pesquisa. Tenho colegas que me ajudam nisso, porque os estudantes aí são mais exigentes... Tenho, por outro lado, colegas no secundário que me dizem que hoje não é mais como antigamente, que não podem fazer aquilo que nós fazíamos no nosso tempo. Mas continuo convencido de que, ao menos naturalmente, os mais célebres, que tinham a pedagogia mais bem aceita; eles liam seus cursos.

Quanto ao que mudou, creio que nada mudou desde esse tempo. Tive recentemente notícias de como as coisas se passam, por exemplo, em Nanterre. Interrogamos (eu e uma colega da Califórnia que está fazendo um estudo sobre o ensino da literatura) alguns estudantes de lá, que nos disseram coisas de que eu desconfiava mas que são, na verdade, mais caricaturais do que eu imaginava. Em Nanterre, que foi, entretanto, o foco de 68! A coisa lá consiste em fazer exposições aos estudantes, que duram 3 quartos de hora, e sobre assuntos como "Deus em Os Miseráveis", ou "O povo em Os Miseráveis", que parecem muito com o que eu fazia nos meus tempos de Sorbonne. Coisas totalmente fora do texto...

Ligia: Eu fiz alguns estágios em Nanterre. Mas fiz isso justamente com alguns professores que tentam mudar um pouco as coisas lá...

Jean Verrier: Certamente... Não era o caso nem de Geneviève Idt, nem de Abastado...

Ligia: Mas fiz também algumas enquetes com alunos e as respostas vão na mesma direção que você assinalou.

Jean Verrier: Aliás, não é polêmico. Eu constato que as coisas não mudaram. E que é realmente um curso que passa ao lado do texto. E, quando eu penso nos cursos... Vou citar um exemplo de memória. Um inspetor da escola primária, que se ocupou do 1º ciclo do ensino secundário, em 1967, em Fontainebleau, disse mais ou menos isto: "Muitos professores me perguntaram como preparar uma explicação de texto. Eu lhes respondi que é preciso preparar seu texto para a classe por escrito, o mais atentamente possível, como se fosse para apresentar a uma banca de exame. Evidentemente não é assim que se apresentará a coisa aos alunos. Não se deve apresentar em tom de conferência mas permitir aos alunos que descubram por eles próprios." Isso me parece um exemplo perfeito. Eu creio que é exatamente a situação, muito bem descrita. No fundo, conscientemente ou não, o professor tem sempre atrás de si a idéia de que está enfrentando um concurso. Que está fazendo a "agregação". E, quando ele está diante de 30 alunos, é preciso que ele faça, com uma maiêutica hipócrita, pseudo-socrática, com que os alunos "descubram" o que ele, ou melhor, o que a sua banca, descobrirá. Acho que isso não mudou muito. Exceto em Vincennes, em certos domínios. Em Nanterre também, em alguns casos. Não vou agora ficar distribuindo recompensas aos "bons" e punições aos "maus", mas creio que globalmente isso tudo não mudou muito. Enquanto os concursos forem o que eles são, as coisas não mudarão. Em Vincennes, aliás, a gente se coloca a questão: "Será que se deve continuar preparando para os concursos?". Por-

que no fundo é como se numa escola de nataçãõ a gente ensi-  
nasse também a dirigir automõveis.

Ligia: A questãõ seguinte é como você chega a propor o te-  
ma ou um programa de estudo aos estudantes, segun-  
do o desenvolvimento de suas pesquisas pessoais,  
segundo o interesse deles, segundo a atualidade do  
tema...?

Jean Verrier: No fundo, é nesse ponto, ao menos, que o  
ensino superior se distingue menos daqui-  
lo que ele era antigamente. Porque, normalmente, na Sorbon-  
ne, os proçessores punham no programa seus temas de pesqui-  
sa. A diferença com Vincennes é que, na Sorbonne, os assis-  
tentes eram obrigados a pôr no programa o que o seu chefe  
escolhia e punha no seu próprio programa. Em Vincennes, co-  
mo não há mais chefes, cada um propõe nos cursos aquilo  
que faz. Não há mais essa exploraçãõ dos assistentes pelos  
mandarins, e a gente faz participar aos estudantes. numa  
pesquisa em andamento. Isso me parece bem. É também fun-  
çãõ das pesquisas pessoais que, no meu caso, as coisas a  
contecem vinculadas aos interesses do público, pois eu me  
interesso pelo ensino da literatura e meu público é basicamente  
constituído de professores.

No caso do curso que você seguiu, com os  
professores, o ideal é fazer com que seja uma reflexãõ sob-  
re o trabalho dos professores em exercíçio. Isso respon-  
de, necessariamente, às questões que eles se colocam. Com  
o perigo inverso que é, por força de responder unicamente  
à demanda, sem manter um recuo que é, no limite, arbitrário,  
arriscar-se a ficar nas meras receitas. Isso é, real-  
mente, um problema.

Ligia: Isso, no fundo, está ligado à questãõ seguinte:  
"Em Vincennes, você fez um trabalho com os profes-  
sores do secundário. Em que consiste esse traba-  
lho? Qual o seu objetivo?"

Jean Verrier: Sim. Bom, o objetivo, no início, era atender aos próprios ex-alunos, licenciados por Vincennes. Eles tinham aqui um ensino um pouco novo. Quando iam dar suas aulas se defrontavam com uma realidade bem diferente e voltavam dizendo: "Em última instância, vo cês nos contaram belas histórias, porque isso tudo funciona em Vincennes, mas nas classes do secundário nada disso funciona." Em primeiro lugar, porque os colegas lhes dizem que não pode ser assim, em segundo lugar, os diretores e os inspetores... e até pais e alunos discordam da forma como se propõe as aulas.

Em vista disso, a gente se dispôs a discutir com eles essas questões. Mas isso seria ideal, se tivéssemos somente esses alunos, que escolheram por vocação ensinar, alunos bem formados, segundo os bons métodos de Vincennes, que aqui voltam para prolongar o que não foi se não uma pequena formação inicial, e começar verdadeiramente uma formação pedagógica, refletindo sobre suas classes e inovando, inventando coisas que acabariam por obrigar os colegas em suas escolas a modificar também os seus cursos em função da demanda dos alunos. Se realmente houvesse esse vai-e-vem seria muito bom. Isso permitiria pouco a pouco que todos os colegas se sentissem provocados por esses estudantes, que acabariam por iniciá-los nos problemas da teoria da literatura, etc... E que, voltando a nós, nos obrigariam a repensar tudo em função dos limites - a Instituição que constringe, a pressão dos exames, etc...

O objetivo permanece, mas acontece que vieram também fazer o curso professores que não tiveram a mesma formação acadêmica. Os mestres auxiliares, por exemplo... que não eram estudantes bem armados, que estão perdidos...

Ligia: E qual é o interesse desses professores nesse tipo de curso?

Jean Verrier: Bom, trata-se de gente que não pode espe-

rar para ter um cargo de Letras. Não puderam ser nada além de mestres auxiliares. Gente que precisava viver depressa, fazer algo logo para ganhar a vida. Transformaram-se então em mestres auxiliares, diante de uma classe de francês e completamente incapazes de dar um curso. Há também gente com licença em inglês ou História, que foram empurrados a dar cursos de francês. Portanto, eles não vêm à Vincennes esperando milagrosas receitas, para não serem postos na rua pelos próprios alunos. Para não serem vaiados. Em Vincennes eles ficam meio perdidos, ao vento...

É, portanto, um público muito heterogêneo. E, com um pessoal que se poderia chamar os "proletários do ensino". Tive nesse curso dois ou três "agregês", entre 30 ou 40 estudantes. E, de dois ou três anos para cá, não tive mais nenhum "agregê". Às vezes, funciona. Eles se tornam autodidatas, mas é preciso reconhecer que não se trata dos melhores estudantes, dos que têm melhor agilidade intelectual, etc...

Ligia: Entretanto, são talvez esses os mais necessitados desse tipo de curso...

Jean Verrier: Sim. Mas, ao mesmo tempo é como uma gota d'água no oceano. Se a gente pudesse desenvolver esse gênero de curso, haveria sempre uma demanda maior. Também, politicamente, é ambíguo, porque proporcionar cursos de formação permanente para professores que não têm nenhuma dispensa, e que terão mesmo, problemas nas suas escolas pelo fato de os estarem fazendo, é discutível. E fazê-lo de graça... Porque se eu dou um curso desses, isso me agrada, mas deixo de dar um curso para os outros estudantes. A Universidade de Vincennes paga, na verdade, um curso aos professores que deveriam pagar à Universidade. É de tal modo minoritário que é mais simbólico o problema, mas se a experiência se desenvolvesse, como eu disse, a coisa se transformaria talvez de positiva em negativa...

Ligia: Esses cursos de formação permanente existem desde

quando?

Jean Verrier: Desde a criação de Vincennes. Beatrice Slama dava um curso desses, e havia professores de Cagnes que vinham. Houve também uma estudante de Vincennes que se tornou "encarregada de cursos" e que se tornou também mestre auxiliar nun CET (Colégio de Ensino Técnico), e que se ocupava disso também, mas os colegas a consideravam como uma gauchista inveterada e como não competente... esse domínio foi sempre considerado suspeito. Ao lado desses cursos, se faz, desde o início, a preparação para o CAPES, que é feita por colegas mais tradicionais evidentemente. Ou por assistentes que acabam de fazer a "agregação" e que não ensinaram nunca no secundário. Apenas é gente que passou no concurso e pode ensinar aos outros como se faz para passar. Mas isso é totalmente diferente do meu projeto que é uma reflexão... e que, sobretudo, visa em última instância a contribuir para a transformação do conjunto do ensino que se pode dar em Vincennes, no departamento. Pois, a demanda desses professores, imediata, nos leva a modificar tanto nossos programas quanto nossos métodos. Enfim, isso é o que eu desejaria, mas está longe de ser realizado...

Ligia: Há outras universidades que fazem isso?

Jean Verrier: Sim, cada ano a revista Le Français Aujourd'hui faz um levantamento de todas as formações permanentes oferecidas pelas Universidades na França. Então a gente vê que é muito desigual. A de Strasbourg, por exemplo, propõe aos professores primários fazer a licenciatura, aos licenciados fazer a "agregação", aos "agregês" fazer o 3º ciclo. Isso é, para eles, a formação permanente dos professores. É preciso dizer que, no sistema tradicional francês, foi sempre assim: quanto mais elevado o título universitário que se tenha, menor será a formação pedagógica. Eu, por exemplo, tendo passado a "agregação", fui dispensado dos estágios do CAPES, e dei 11 ho-

ras de curso em Condorcet, com um professor que me disse, ao cabo de 11 horas: "escute, eu creio que você sabe se vi rar sozinho. Como eu tenho uma tese para fazer, vou deixá-lo sozinho. Isso será bom para mim." E, as 24 horas restantes do estágio eu dei a aula sozinho, depois de ter visto um outro professor dar aula por 11 horas. Isso foi tudo. Foi o meu estágio e a minha formação pedagógica. É ao mesmo tempo, escandaloso, e por outro lado, permite inventar qualquer coisa.

Tenho alunos que me procuram querendo fazer um mestrado sobre o ensino, depois de ter feito comigo uma ou duas Unidades de Valor. Esses alunos querem ser pro fessores mas não têm nenhuma experiência como tal. Então eu lhes digo que não. Mas eu sei que na Universidade se aceitam mestrados sobre o ensino da literatura de estudantes que nunca deram uma aula. Pode ser que se possa fazer algo aí, mas a mim isso não interessa. Não vejo muito bem o sentido. Quando, ao contrário, professores em exercício querem fazer mestrado sobre isso, então, a coisa pode ser útil.

O objetivo de um curso como esse pode ser também tático, no sentido de que o ministério acabe concedendo a certas universidades o caráter de Centro de formação de professores. Não tenho ilusões de conseguir isso pa ra Vincennes, mas, enfim, para ter um mínimo de argumento é preciso poder dizer: "A gente já tem feito coisas nesse sentido." É um lugar, de todo o modo, a manter. Se sobrar apenas um, eu serei esse um. Isso me parece um pouco estra nho, porque eu não gostaria de me considerar uma ave rara. É estranho e inquietante isso, de me encontrar tão só. Si nto-me realmente muito só, neste campo.

Ligia: Mesmo em Vincennes?

Jean Verrier: Sim. No departamento de literatura france sa. No departamento de inglês eu sei que eles fizeram experiências com professores. Sei também que em Paris III, Crèteil, todas as quartas-feiras se tem fei

to sessões de informação para os professores, muito diferente do que eu faço em Vincennes. O professor vem, cada vez um diferente, e fala. Não lhe pedem mais do que isso. Os professores que assistem não dizem sequer o nome, porque isso lhes é desagradável.

Ligia: E Kuentz e Slama não fazem mais isso?

Jean Verrier: Não, eles não fazem mais, porque perderam completamente o contato com a realidade das classes. Kuentz o faria ao nível dos circuitos comerciais e pedagógicos. Interessa-lhe quem tem as editoras pedagógicas, quais são os interesses financeiros e políticos desse enorme queijo que são os manuais escolares. Eu sempre o incentivei a fazer coisas nesse campo, porque ele pode fazer isso e é muito útil.

Ligia: A próxima questão é sobre as dificuldades que você enfrenta em Vincennes, no seu trabalho.

Jean Verrier: E, ela se liga ao anterior. Porque em Vincennes temos 40% de estrangeiros. Pessoas que têm histórias diferentes umas das outras, e é obrigatório que tenham leituras diferentes umas das outras. E a grande vantagem, porque isso me apaixona, por exemplo, de ver como uma pessoa que nunca esteve na escola, que leu sozinho não sei bem o que, vai ler um texto clássico que gerações e gerações de alunos dos liceus leram sempre de um certo modo. A leitura desse sujeito não vai nunca ser a mesma desses alunos. Por que? Como? ...isso me interessa muito. Mas, ao mesmo tempo, é evidentemente muito difícil, porque o perigo é o estouro. Pois, por exemplo, não tenho direito de dizer que a minha leitura é melhor que a dos japoneses, mas se aprofundo esse ponto, perco qualquer ponto de referência. E Vincennes se torna, muitas vezes, um lugar de passagem. Será que a utopia da escola é isso, ou ela tem sempre uma função um pouco canalizadora e ordenadora? Bom, eu combato essa função da escola, mas ao mesmo

tempo não deve ser qualquer coisa, não é a torre de babel; como fazer para que não seja a caserna napoleônica (o que Napoleão queria fazer da escola e da Universidade), e que tampouco seja a torre de babel? A dificuldade está entre esses dois extremos. E a gente vive passando de uma a outro...

Ligia: Como equipe, em Vincennes, vocês se colocam esse problema?

Jean Verrier: Sim. Há eco disso nesses livros que você leu sobre Vincennes. Mas justamente esse número de Littérature sobre Vincennes quase não pôde sair. É significativo isso. De um lado a gente está isolado, mas menos do que num certo momento. As pessoas que vinham para cá, não vinham por vocação, mas por recusa, porque não as queriam em nenhum lugar. E o marginal é por vocação o que não está no corpo, mas nas margens. Há margens e um só corpo. Então, para acolher os estrangeiros, fez-se uma Unidade Valor branca (a palavra é apropriada pois só havia pretos aí), na qual a gente acabou perdendo a posse do curso. A gente conta isso na revista. Poder dar a palavra às pessoas está bem, mas a gente está lá também, e tem também coisas a dizer. Não vale a pena, tampouco, fazer uma Universidade aonde as pessoas aparecem para se dizer "eu estou aqui", "eu sou aquele que eu sou", "eu sou um outro". Muito bem, você é um outro. E daí? E depois? É um lugar de troca, de confronto.

Portanto um projeto é colocado em questão. É preciso que haja um projeto, senão tudo é inútil. No final das contas, a gente queria fazer um número de defesa de Vincennes, e acabou achando impublicável. Por outro lado, a outra possibilidade era fazer um número de vitrine, com grandes nomes. Mas a gente se perguntou: o que será mais eficaz? as vedetes? ou o estado das coisas tal como elas são? Ou então metade, metade...? Eu creio que, a final, saiu mais ou menos o estado em que as coisas estão. Enfim, a dificuldade é fazer as pessoas falarem e ao mesmo

tempo sacudir a barraca, que a barraca existe apesar de tudo. Não é um moinho. Pode ser que haja mesmo algo a dizer. Não é simplesmente um albergue espanhol aonde cada qual traz a sua própria comida.

Sobre a Psicanálise e a Literatura, eu fiz um pequeno texto na revista Le Français dans le Monde, que vai sair. Isso me interessa muito também, na medida em que, numa situação de classe, a gente se projeta sempre na sua leitura. Em relação aos estudos formalistas, de teoria de literatura, por exemplo, onde sempre se camuflaram as categorias, quando se tenta trabalhar o inconsciente do texto, então é preciso que o leitor produza, e eu fiz algumas experiências que mostram que os leitores nem sempre têm desejo de produzir publicamente. É preciso que o grupo se conheça já há mais tempo. Há barreiras. No fundo, eu me pergunto se a escola não é um lugar onde não se podem dizer senão certas coisas, que não vão senão até um certo limite, e que, no fundo as coisas que realmente movem as pessoas, que as provocam a se transformar, não podem ser ditas na escola. Há limites a esse projeto, portanto, de literatura e psicanálise...

Ligia: Havia ainda a questão sobre 68, as transformações principais de lá para cá.

Jean Verrier: Não sei bem. Não tenho distanciamento suficiente. Salvo todos estes problemas de Vincennes, um grande desgaste... como um animal que quer sair da sua jaula e, a cada vez, lhe fecham a porta diante do nariz, e começa tudo de novo... a cada ano... No final, a gente cansa um pouco. E alguns vão embora. Não aguentam. E a gente tem sempre a insistência dos estudantes, que dizem: "seria preciso fazer isto e isto...". E a gente se sente envelhecer, porque já fez isto e aquilo e não funcionou. Então a gente finge um pouco acreditar que isto vai mudar, mas a gente vê que está realmente encurralado.

Para terminar, de modo positivo, entretanto, quando eu falo com alguns colegas de universidades pró

ximas, de Paris XII, ou de Nanterre, ou de Paris XIII, fico impressionado com a relativa possibilidade que temos no departamento de Francês em Vincennes, pelo menos de dizer tudo o que eu acabo de dizer, e que eu diria de novo sem maiores rodeios aos meus colegas. Talvez eles não estivessem de acordo, mas eu lhes diria tal e qual. Já não teria a coragem de fazer a mesma coisa com colegas de outras Universidades, que iriam dizer: "ele está louco". É essa a diferença. E quando eu falo fora daqui, as pessoas dizem: "mas o que vocês fazem em Vincennes, nós não poderíamos de modo algum fazer". Isso continua sendo para mim, portanto, um lugar onde se podem fazer coisas que não podem ser feitas em outro lado. Mas, ao mesmo tempo, a gente está absurdamente bloqueado.

Ligia: Eu gostaria de fazer uma última questão: você disse que na Universidade vocês fabricam professores do secundário. Outros professores que eu entrevistei falaram da dificuldade e do mal estar que existe atualmente nas faculdades de Letras, porque os alunos não encontrarão trabalho. Você sente o mesmo tipo de problema?

Jean Verrier: Completamente. É verdade. Não há mais lugar. O CAPES vai ser suprimido. Este ano, em francês, letras modernas, há 120 vagas para 6.000 candidatos. E, no ano que vem, fala-se de suprimir o concurso. E há projetos no ministério para a formação de professores que seja independente da Universidade. Vai mudar certamente a função dos departamentos de literatura francesa, então. Não se sabe muito bem para que eles vão preparar. Não será certamente para o ensino. Apenas 10% talvez serão professores, os outros não sei o que farão. Tenta-se criar fileiras de documentação, bibliotecárias, etc... mas está tudo saturado, e estamos em má situação para rivalizar com as escolas específicas que se ocupam disso. De todo o modo está condenado. Não vejo muito bem como será o futuro, a médio termo, dos departamentos de literatura francesa. Os

efetivos baixam e vão baixar mais em Vincennes.

Lígia: Restam os estrangeiros...

Jean Verrier: Sim, os estrangeiros vêm buscar em Vincennes o que eles não podem ter nos seus países de origem. Há toda uma relação de Vincennes com o terceiro mundo. Mas é, na maior parte das vezes, a burguesia desses países que vem. É ainda uma incoerência. Não adianta... estamos encurralados...